

POÉTICAS DO ‘BEM VIVER’: CARTOGRAFIA DE EXPERIMENTAÇÕES ONTOLÓGICAS EM UMA COMUNIDADE INTENCIONAL

POETICS OF ‘GOOD LIFE’: CARTOGRAPHY OF ONTOLOGICAL EXPERIMENTS IN AN INTENTIONAL COMMUNITY

POÉTICAS DEL ‘BUEN VIVIR’: CARTOGRAFÍA DE EXPERIMENTOS ONTOLÓGICOS EN UNA COMUNIDAD INTENCIONAL

Claudyanne Rodrigues de Almeida²⁴
Maria Thereza de Oliveria Azevedo²⁵

Resumo: Esse artigo é um recorte da minha pesquisa de doutorado em curso intitulada: *Comunidades intencionais: poéticas, memórias e outra cultura espaço-cosmológica como presentificação de futuros possíveis*, que objetiva pesquisar/experienciar como alguns grupos estão materializando a possibilidade de outros modos de viver a partir de comunidades intencionais (ecovilas, ecoaldeias, *cohousing*, *coliving*, etc.). A partir da vivência do campo empírico numa comunidade intencional, esse trabalho traz reflexões sobre o ‘bem viver’, cocriar novas utopias, decolonialidade e outros modos de fazer política, construindo narrativas e práticas contra hegemônicas frente às relações convencionais na contemporaneidade. Num cenário de relações esgarçadas, estímulo ao individualismo, invisibilização do outro e construções de muros, essa experiência de campo traz uma brecha e suspeita a possibilidade da presentificação de alternativas societárias e/ou experimentações ontológicas outras.

Palavras-chave: Comunidades intencionais; Bem viver; Novas utopias; Experimentações ontológicas.

Abstract: This article is an excerpt from my ongoing doctoral research entitled: *Intentional communities: poetics, memories and other space-cosmological culture as the presentification of possible futures*, which aims to research/experience how some groups are materializing the possibility of other ways of live from intentional communities (ecovillages, ecovillages, *cohousing*, *coliving*, etc.). Based on the experience of the empirical field in an intentional community, this experience report brings reflections on good life, how to co-create new utopias, decoloniality and other ways of doing politics, building counter-hegemonic narratives and practices in the face of conventional relationships in contemporary times. In a scenario of frayed relationships, stimulus to individualism, invisibility of the other and construction of walls, this field experience brings a gap and suspects the possibility of the presentification of societal alternatives and/or other ontological experiments.

Keywords: Intentional communities; “God life”; New utopias; Ontological experiments.

Resumen: Este artículo es un extracto de mi investigación doctoral en curso titulada: *Comunidades intencionales: poéticas, memorias y otra cultura espacio-cosmológica como presentificación de futuros posibles*, que tiene como objetivo investigar/experimentar cómo algunos grupos están materializando la posibilidad de otras formas de vivir desde las comunidades intencionales (ecoaldeas, ecoaldeas, *cohousing*, *coliving*, etc.). A partir de la experiencia del campo empírico en una comunidad intencional, este relato de experiencia trae reflexiones sobre el ‘buen vivir’, cómo co-crear nuevas utopías, la decolonialidad y otras formas de hacer política, construyendo narrativas y prácticas contrahegemónicas frente a lo convencional relaciones en la contemporaneidad. En un escenario de relaciones deshilachadas, estímulo al individualismo, invisibilidad del otro y construcción de muros, esta

²⁴ Universidade Federal de Mato Grosso – e-mail: clauantropologiaearte@gmail.com

²⁵ Universidade Federal de Mato Grosso – e-mail: maritheaz@gmail.com

experiencia de campo abre una brecha y sospecha la posibilidad de presentificación de alternativas societarias y/u otros experimentos ontológicos.

Palabras clave: Comunidades intencionales; “Buen vivir”; “Nuevas utopias; Experimentos ontológicos.

Introdução

Comunidades intencionais são assentamentos criados por grupos de indivíduos que se unem com um propósito de vida em comum, geralmente funcionando como um laboratório experimental de práticas regenerativas integrais (ambiental, social e pessoal). A ideia da pesquisa de doutorado²⁶ surge em meio à trágica cena contemporânea, do avanço ultraconservador conquistando postos de poder pelo mundo, insurreição da natureza com devastadores efeitos nas mudanças climáticas, crise econômica estrutural, discursos de ódio, perda de direitos, de vidas, corpos, desejos e amores censurados. Entendemos como urgência pensar formas, não só de resistência, mas de enfrentamento, de desvio e brechas do caos. Assim, a pesquisa investiga as potências de vidas/trajetos que se engendram e propõem criar alternativas societárias, narrativas contra hegemônicas, outras experimentações ontológicas e/ou uma presentificação de futuros possíveis.

A antropóloga Jeanne Favret-Saada (2009) diz que sua experiência em campo a fez reconsiderar a noção de afeto, propondo o afeto como uma modalidade do trabalho de campo, além de defender que a ciência deve reabilitar a velha sensibilidade. A proposição da autora vai totalmente ao encontro desse relato de experiência, na medida que o procedimento metodológico de campo foi a cartografia afetiva, na qual admite-se a subjetividade do pesquisador e a processualidade da pesquisa considerando as conexões e modulações dos processos permanentes no ato de “pesquisar, intervir e afetar-se”. Na Cartografia considerada como um antimétodo, a experiência é base de toda atividade de investigação e inclui-se na pesquisa a rede de forças nas quais pesquisador e objeto estão inseridos. Esse procedimento foi refletido em Deleuze e Guattari (1995), desenvolvida por Suely Rolnik (1989; 1986), Passos, Escóssia e Kastrup (2015).

Fazer uma pesquisa com um caráter antropológico e inspirada pela perspectiva da cartografia afetiva inevitavelmente e também propositalmente considera-se a noção de afeto e se faz ciência “reabilitando sensibilidades”, como sugere Favret-Saada. Percorrer os caminhos dessa comunidade intencional provocou a emergência de afetos, despertou memórias e

²⁶ Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – linha de pesquisa: Poéticas Contemporâneas. Orientadora: Maria Thereza de Oliveira Azevedo.

construções de sentido para as pautas ambientalistas, feministas ou humanistas, não só dos interlocutores, mas meu como pesquisadora, mulher e ecomilitante.

Além de Favret-Saada, outra inspiração que se fez presente fortemente nesse trabalho é Silvia Cusicanqui, a socióloga ativista Aymara que indicou valorizar numa experiência de campo “os retalhos, os processos, os balbuceios, na contramão do que costuma-se fazer na universidade, onde parte-se do ‘todo’, da teoria, do abstrato e dedutivo, sem dar lugar à paixão, à experimentação, à intuição” (*apud* TORINELLI, 2018).

O mapa - espaço e seres que convivi

Minha experiência de campo se deu numa comunidade intencional²⁷ situada na Chapada Diamantina no estado da Bahia. A primeira percepção foi a de certo isolamento da comunidade, já que para chegar precisa-se de um ônibus, depois um moto taxi e ainda um caminho a pé com direito a uma travessia em um rio raso. Importante salientar meu lugar, já que essa é a minha percepção como pesquisadora, urbana, vindo do Mato Grosso, mas não creio que seja a mesma dos moradores.

Fui aceita como voluntária, o que me deu o direito de pouso num alojamento coletivo bioconstruído há mais de duas décadas, três refeições diárias em troca de quatro horas de trabalho coletivo diárias, acrescentado de um pequeno valor. O acolhimento e conversas iniciais acontece na cozinha coletiva, que é a primeira construção na chegada da comunidade. As primeiras trocas foram alimentadas pelo cheiro do chocolate quente, pão integral quentinho feito ali e ovos do galinheiro local.

Um dos fundadores, disse que foi ali para região do Vale do Capão junto com um grupo de amigos em 1991, quando fundaram a comunidade. Logo, em seguida, um grande evento nacional, o ENCA (Encontro Nacional de Comunidades Alternativas) aconteceu nessa comunidade em 1992, reuniu mais de mil pessoas e a partir disso impulsionou para construírem várias coisas, iniciaram o Estatuto, organização, regras e hoje criaram até uma associação.

A cozinha é o coração da comunidade. Todos enfatizavam isso. Ela é o principal espaço coletivo, onde todos se encontram pelo menos três vezes por dia, independente do que individualmente podem fazer. Quando as refeições ficam prontas uma concha é tocada para

²⁷ Optou-se por não identificar o nome da comunidade pesquisada, visto que a tese ainda não foi defendida, está em processo. Porém, esse trabalho de campo possui Termo de autorização/anuência institucional e Termo de consentimento Livre e esclarecido de todos os interlocutores, como preconizado pelas normas brasileiras de pesquisa.

avisar até as casas mais distantes. É o sinal do tempo do alimento, da comunhão, da re-união. Uma jovem moradora, a Construída²⁸, diz que o “fogo tá sempre aceso” no fogão a lenha. Me pareceu que o fogo estar sempre aceso alimenta o aspecto comunitário do lugar. Uma chama que relembra o *religere*, que dá vida ao espaço, já que sempre há movimento na cozinha. Ela diz que está sempre aceso, “pois se alguém vem fazer um café, chá, tem sempre água quente lá numa panela de ferro. Ou mesmo para facilitar o preparo da próxima refeição.” Como representação da chama na **figura 1**.

Figura 1: Chama sempre acesa

#PraTodoMundoVer A imagem é uma foto que registra a chama acesa do fogão a lenha.



Fonte: autoria própria

O Monge faz uma narrativa interessante sobre a comunidade e especialmente a representação simbólica da cozinha:

A comunidade é um órgão vivo. A cozinha é o coração da comunidade, o fogo demonstra a necessidade da vida. Fogo do coração. A vida está no coração e o fogo representa isso. Cozinha acolhe, alimenta, dá força, passa o fluxo de energia da vida. Alguns conflitos se passam na cozinha e são resolvidos na cozinha. É onde se reúne. Já foi provado cientificamente que o coração é também um cérebro. O restante são órgãos vitais, mas o coração é a cozinha.

O espaço tem duzentos hectares, mais de dez casas, uma escolinha, oficina, casinha para lenha, galinheiro, cozinha coletiva, um minhocário, dois SAFs, duas hortas, um herbário em

²⁸ Nesse trabalho os nomes dos interlocutores serão pseudônimos sugerido por eles, ou alguns preferiram que eu mesmo criasse um.

mandala, uma fábrica de sabonetes, um espaço com *wifi* coletivo que chamam de *lan house*, dois banheiros secos entre os vários caminhos, dentre outras coisas que não tive acesso. O desenho abaixo (na **Figura 2**) foi feito há algum tempo já, então ele não contém outras construções que já foram feitas posteriormente.

Figura 2: Desenho da Comunidade

#PraTodoMundoVer A imagem é uma foto de um desenho feito com lápis de cor que representa a Comunidade pesquisada com seus itens.



Fonte: autoria própria

Todos enfatizavam que o período que estive lá, início de ano, tinham poucas pessoas, já que muitos viajaram e isso dificulta bastante manter os trabalhos coletivos. Se encontravam quatro moradores, três “demoradores”, dois “namoradores”²⁹ e duas visitantes voluntárias, uma delas sendo eu.

²⁹ Morador e demorador são termos que eles criaram visto a necessidade de diferenciar os ciclos de vivência na comunidade que inclui atividades, valores e expectativas diferentes. O termo “namorador” eu que estou criando para essa escrita, com finalidade de diferenciar também os visitantes, visto que alguns já tem outro

Sr. Cósmico é um dos fundadores, figura simpática, aberta e disposta a papear e compartilhar seus ricos conhecimentos. Responsável principal pelos dois SAFs (Sistema Agroflorestal), relações institucionais/Associação, aprimoramento da gestão e organização, economia e finanças, entregas e cobranças da Casa amarela (fábrica de sabonetes), capoeira, oficina, ferramentas e máquinas, águas, energias e telecomunicação, motocicleta, tratorito, serviços gerais (marcenaria e soluções em geral), comunicação site, construções coletivas, manutenção/reformas, Morada dos Ventos. Não usa mais seu nome de registro apenas seu “nome cósmico”, um nome “que veio a ele”, relata Sr. Cósmico.

Sr. Cucuruto é o mais velho do lugar e está há oito anos como morador. Jogador de xadrez, artesão do mais delicioso pão que já experimentei, cuidador do galinheiro, contabilidade, panos de pratos e panos de mãos. Morou dois anos numa barraca na comunidade, antes de construir sua casa.

Construída é uma jovem moradora, 28 anos, baiana, muito perspicaz e disposta. É a presidente da Associação, principal responsável pela contabilidade, herbário solar, contribui no SAF Rio, aprimoramento da gestão e organização, contabilidade bancária, produção de tinturas para a fábrica de sabonetes, serviços gerais, comunicação no *instagram*, construções coletivas, Morada do Bosque da Lua.

O Monge deu o nome da casinha que construiu para abrigá-lo de Casa do Monge, o que já define muitas de suas características. Faz aparições rápidas, porém marcantes, anda ligeiro e faz grandes elucubrações se provocado ou não. Principal responsável pela fabricação de sabonetes, banheiros secos, brigada, *tai-chi*, motosserra, roçadeira, *campings*.

O casal de demoradores e seu filho estão há dois anos por ali. Receberam no fim de 2021 a casa Luz da colina para morarem e organizarem. D. Luz da Colina é a responsável atualmente pela organização das visitas. Sr. God of war e o menino luz ficam no apoio ou vice-versa nas atividades, por conta do cuidado com o menino luz.

Mandacaru era um dos “namoradores” que já estava há três meses como visitante, assumiu assim algumas funções além de visitante e era responsável pelo minhocário. Tem 18 anos com surpreendente maturidade e bela sensibilidade. Tive ainda companhia de mais duas visitantes que enriqueceram minha experiência e reflexões no lugar.

“relacionamento” com a comunidade. Por exemplo, um dos visitantes já estava há três meses, já tinha autorização para determinadas atividades que visitante normal não tem, como preparar uma refeição coletiva. Outra visitante já tinha ido várias vezes e “namora” a comunidade há um tempo, já tem amigos lá e a forma que se aloja é diferente dos outros visitantes. Ou seja, é apenas um termo para auxiliar na sistematização e classificação do relato de experiência.

Devidamente apresentados, parto para relatar experiências com recorte de temas.

O 'bem viver' e o cocriar de novas utopias

O conceito de 'bem viver' rememora a cosmovisão dos povos indígenas, suas propostas de transformação civilizatória dos mundos indígenas equatorianos e bolivianos, andinos e amazônicos. Alberto Acosta (2016) tenta traduzir no livro *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* esse conceito, ideia, filosofia, prática: “se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida”. (ACOSTA, 2016, p. 23).

Os interlocutores expressaram a importância da vida em comunidade, de começar um processo de mudança no agora e da importância do convívio em comunhão com a natureza. Assim como aprender com os nativos, com a sabedoria ancestral. A forma vernacular de construir as casas, de cultivar o solo, de cozinhar (apenas no fogão à lenha utilizando uma energia disponível na natureza), de trocar com os vizinhos, me pareceram práticas baseadas na sabedoria de populações tradicionais, prática própria da permacultura. Nessa comunidade se colhe a lenha de árvores secas para fazer o fogo que cozinha os alimentos, a energia é unicamente solar, as águas negras de banheiros vão para processos com bananeiras, do banheiro seco o composto nutre a terra que trarão outros alimentos, além de alguns alimentos serem colhidos dos SAFs, hortas e galinheiro.

Pensando a vida nessa comunidade é providencial pensar o que alguns autores, tais como Alberto Acosta (2016) e Ailton Krenak (2020) afirmam. Que dentro do capitalismo é definitivamente impossível estabelecer plenamente a prática do 'bem viver' no mundo, no entanto não significa que o 'bem viver' possa se tornar realidade apenas quando o capitalismo for superado. Para o Acosta (2016, p. 27) deve-se imediatamente impulsionar um processo de transições movido por “novas utopias”. Para os céticos ele lembra o que caracteriza “reencontrar com a dimensão utópica”: isso “implica fortalecer os valores básicos da democracia: liberdade, igualdade e solidariedade”, incorporando conceitos da vida em comunidade. E o elemento-chave “não deve ser apenas o ser humano, mas o ser humano vivendo em comunidade e em harmonia com a Natureza”.

Os pilares da modernidade estão tão esgarçados que naturalizamos a violência e recalamos que estas premissas: liberdade, igualdade, fraternidade, foram uma falácia no Estado capitalista moderno, elas nunca se efetivaram, como argumenta Bruno Latour (1994) em *Jamais fomos modernos*. Mas as narrativas hegemônicas passam a ideia de que tais pilares

se efetivam cotidianamente. Vivemos essa falsa impressão de forma a nem refletir sobre a não efetivação. Desse modo, a lembrança de Acosta (2016) de que precisamos reencontrar a dimensão utópica e que utopia seria apenas as bases mínimas da democracia moderna, causa um estranhamento fundamental.

Nesse sentido, entendo a prática de uma outra experiência ontológica nessa comunidade como um impulsionamento para as ditas “novas utopias” do ‘bem viver’ que clamam esses autores, dentre tantos outros. Os moradores da comunidade estão vivenciando as “utopias”: liberdade, igualdade e solidariedade, como prática e desafio diário no agora.

O filósofo e ativista indígena Ailton Krenak (2020) fala sobre a importância do sonho, não só como linguagem para entender o mundo e a si, mas como ferramenta para pensar outras maneiras de viver. O afeto tem lugar na prática de compartilhar sonhos de vários povos indígenas, afetos que produzem vários efeitos, além de nutrir as relações e o cuidado:

Sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível (KRENAK, 2020, p. 37-38).

Compartilhar o sonho, além de orientar a ética de convivência, também é uma maneira de unir forças para construir algo que, ao afetar o mundo sensível, irrompe o material e o imaterial. Dessa forma, sonhar é também projetar utopias. No livro *Cartas para o bem viver* (COSTA; XUCURU-KARIRI, 2020, p. 16) todas as cartas incitam perguntar se “há como viver tempos urgentes sem projetar novas utopias?”.

A propósito do sonho como desejo inconsciente, Levitas (2013) revisa o conceito de “utopia”, sendo então uma forma “legítima e existente de **conhecimento** de futuros possíveis”. (*apud* TEIXEIRA, 2016, p. 262 - grifo meu). Compreender os desejos utópicos é importante para conhecer não só as sociedades idealizadas, mas a nossa própria sociedade.

Utopia é a expressão do que se sente falta, das lacunas de qualquer sociedade ou cultura, então um entendimento apropriado destas culturas ou sociedades deve levar em consideração suas lacunas e aspirações não preenchidas. (...) “A literatura utópica, por perspectiva histórica, vai demonstrar as aspirações das sociedades que as produziram”. (LEVITAS, 2013, p. 262).

Contribuindo assim, para pensar as estruturas de sociabilidade, um dos maiores desafios dos cientistas sociais, e eu não me furto dela, já que também é uma das principais problematizações da minha tese.

A ideia de criar suas próprias utopias, a autonomia para imaginar futuros, em organizar mundos e saberes locais, está presente tanto no pensamento do 'bem viver', quanto nas teorias decoloniais. As crises de pensamento na Europa, o esfacelamento de suas utopias como expectativas de futuro pós Revolução Francesa, impulsiona os países colonizados, estabelecer nossa própria genealogia intelectual, a construção do pensamento "pós abissal" (BOAVENTURA, 2010), ou a dita "mirada periférica" (CUSICANQUI, 2016; 2018): "transcender as barreiras disciplinares, dar as mãos aos saberes práticos e realizar práticas corporais que permitam se aproximar a outros saberes" (BOAVENTURA; CUSICANQUI, 2013). 'Descolonizar' o saber, as epistemologias eurocêntricas, como tão discutido entre os autores decoloniais.

Sr. Cósmico falou muito sobre construção. Construção de casas, de relações, saberes, de mundos, mas também falou de desconstrução. Disse que a comunidade quer o tempo todo desconstruir muitas coisas do "babilônia"³⁰, como por exemplo, o tempo convencional da cidade: "aqui fazemos devagar em relação ao tempo lá fora, mas o tempo que cresce a planta não tem pressa, e é o nosso aqui." Também desconstruir o gênero: o Estatuto da cozinha colocava tudo no feminino: "a cozinheira", "a visitante", etc.; entendi aquela escrita como desconstrução de gênero a partir da linguagem. Pois se o artigo ou a palavra no gênero feminino não representasse alguém que se vê no masculino, ele que vai lidar com isso, assim como nós mulheres por séculos temos que nos sentir representadas com generalizações no masculino representando homens e mulheres. Ele diz que buscam:

Desconstruir as relações de dominação entre homem e mulher; o que é de um país ou de outro país; dominação; cor de uma pele para outra; machismo; racismo; sensação de posse; a maneira de se consumir; ter que ter monte de coisa para ser feliz; linguagem; competitividade; homofobia. Entender que pode e deve ser mais empáticos nos relacionamentos. Assim trabalha para ressensibilizar com os elementos naturais. Ao invés do escuro, na verdade está tudo claro, nem fica escuro. Quando se desconstrói, se tem outra percepção.

Em 2013, sentados numa rede em Valle de las Ánimas - Bolívia, registra-se em vídeo uma conversa entre Silvia Cusicanqui, a socióloga e ativista Aymara, referência no pensamento decolonial e Boaventura de Souza Santos, o sociólogo português do pensamento "pós-abissal" na qual refletem, entre tantas questões fundamentais, a decolonialidade epistemológica. Cusicanqui (SANTOS; CUSICANQUI, 2013) explica para Boaventura alguns aforismos

³⁰ Termo utilizado por alguns moradores para definir as cidades, o modo vida capitalístico ocidental.

ancestrais que ajudam a entender o que o termo '*Buen Vivir*' (*Sumak Kawsay* ou *Suma Qamaña*) significa:

- “Caminhando pelo passado e pelo futuro caminhamos pelo presente”.
- “Viver bem quer dizer falar como gente e caminhar como gente – sendo que falar como gente significa escutar antes de falar, falar com verdade, daquilo que se sabe, e caminhar como gente é referendar suas palavras com seus atos.”

O último aforismo era tão presente nas atitudes dos moradores da comunidade, que me ressaltou aos olhos. Quando alguém precisava corrigir uma ação de outro, percebi que ele fazia a ação enquanto falava. Posso relatar como exemplo, um dia que um morador viu que alguém não tirou os restos de comida da pia, ele se prestou a limpar toda a pia enquanto explicava calmamente como precisava ser. Para ensinar a amolar o machado, eles amolavam o machado enquanto explicavam, de forma a “referendar suas palavras com seus atos”.

O fato de terem reflorestado aquela terra com grandes árvores ao longo desses anos também é um fato ‘utópico’ de prática do ‘bem viver’. Eles afirmaram que era tudo pasto quando chegaram. Sendo grande motivo de orgulho na narrativa deles.

Outro ponto interessante para se pensar um aforismo de Cusicanqui (*apud* TORINELLI, 2018) sobre ‘bem viver’ é o tempo. *Quipnayra uñtasis sarnaqapxañani* é um aforismo Aymara no qual a autora se inspira, que pode traduzir-se aproximadamente como: “*mirando atrás y adelante (al futuro-pasado) podemos caminar en el presente-futuro*”. Passado-presente-futuro está presente de forma oculta ou não em toda caminha da vida de forma não linear. Assim é o tempo segundo a cosmovisão andina. O desejo e luta diária, assim como sentir o presente. (CUSICANQUI, 2016).

Um dos interlocutores, o Monge, falou sobre o tempo e a necessidade de **viver o presente**, “tanto do momento **presente**, quanto sentir a vida, o respirar, o estar e ter um corpo como um **presente** diário. (...) Aumentar a quantidade de vida e recurso a partir da minha **presença**”.

Nunca senti tanto o impulso por viver o presente, como quando estive ali. As narrativas dos moradores ressaltavam essa necessidade, mas no caso deles, vivência cotidiana. Não me lembro de ninguém nostálgico sobre passado e nem ansioso pelo futuro (além de mim, é claro). Nem do seu futuro, nem da comunidade, nem do mundo. O tempo é outro. Por isso o conceito de “experiência” é providencial nesse estudo, já que uma experiência não é algo que vivemos cotidianamente, e no caso, poderia ser a vivência da perspectiva de utopia e presentificação de futuros, como Turner assinala:

Algumas dessas experiências formativas são altamente pessoais, outras são compartilhadas com grupos aos quais pertencemos por nascimento ou escolha, (...) não simplesmente uma estruturação do pensamento, mas a totalidade do repertório vital humano que inclui pensamento, vontade, desejo e sentimento, sutil e variavelmente interpenetrante em muitos níveis (...). As emoções de experiências passadas dão cor às imagens e esboços revividos pelo choque no presente. Em seguida ocorre uma necessidade ansiosa de encontrar significado. (TURNER, 2005, p. 179)

Além da noção de tempo, também a noção de política é outra. E se imbricam. Me pareceu que a política é o que estavam fazendo no agora.

Narrativas contra hegemônicas, Decolonialidade e outros modos de fazer política

A comunidade intencional estudada conta com um formato muito interessante para se pensar a organização política local. Desde o primeiro dia, Sr. Cósmico faz questão de expressar que a Associação não é uma Cooperativa, pois a última reproduz a lógica capital de monetizar e ter propriedade de alguma forma. “Aqui ninguém tem propriedade, mas não tem também preocupações com essa”, ele diz. Ele afirma que o desafio é não **querer** precisar de propriedades. Não querer necessitar, pois os impulsos da cidade levam a atrofiar/ enfraquecer a sensibilidade.

A **sensibilidade** é o essencial da vida, “sensibilidade para perceber os animais, as plantas, as estrelas, chuva, trovão o nosso lugar junto a isso, não observando isso”, pondera ele. E ainda complementa que o mundo está cheio de gente buscando sentido para própria vida. Sua fala me remeteu que a sensibilidade é o que nos conecta no mundo em conjunto, ou seja, dá um sentido para vida. Sem sensibilidade para perceber o mundo ao redor, é difícil se perceber e dar sentido ao ser e estar no mundo. Vide o crescimento de doenças como ansiedade e depressão que assola o mundo.

A respeito de se reconectar com a sensibilidade, Ailton Krenak (2019, p. 19) reflete sobre o “abuso da razão”, que rompe e inferioriza as experiências e narrativas tradicionais “em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente”. Ao mesmo tempo que isso desvaloriza a questão da sensibilidade, o autor destaca a perspectiva decolonial sobre o pluriverso, sobre *O perigo da história única* (CHIMAMANDA, 2019) e a necessidade das diversidades em contraposição à razão UNiversal moderna.

Autores de reflexões decoloniais, Mignolo (2008) e Quijano (2005; 2002) argumentam sobre a “colonialidade do poder, do saber, do ser” e do sentir. Contribuindo assim para essa reflexão.

A cosmologia ocidental é “uni-versal” (em suas diferenças) e imperial enquanto o pensamento e as epistemologias descoloniais tiveram que ser pluri-versais: aquilo que as línguas e as cosmologias não ocidentais tinham em comum é terem sido forçadas a lidar com a cosmologia ocidental. (MIGNOLO, 2008, p. 316)

A propósito da discussão decolonial sobre a lógica pluriversal contrapondo o universalismo colonialista, Lazzarato (2006) se convida a participar desta discussão afirmando que o capitalismo reduz a abertura para mundos possíveis (no plural), vendendo a possibilidade de um único mundo. Esse autor teoriza sobre novos campos de possíveis dentro de experiências artísticas, novas possibilidades de vida, outras “formas de estar junto” a partir de agenciamentos coletivos. Lazzarato (2006, p. 13) ainda nos lembra que as crises que vêm justamente da “mudança da ordem do sentido”. Numa cena contemporânea recheada de crises como vivemos, a lembrança contribui para reconfiguração do conceito de utopia.

Novas formas de “estar junto” é o que alguns interlocutores da comunidade enfatizavam como outra forma de fazer política e o maior desafio da humanidade moderna. De todas as frentes elencadas pela comunidade, as relações interpessoais são o maior e mais importante desafio. Em uma das conversas ao redor do fogão a lenha, Sr. Cósmico comenta seu olhar sobre autossustentabilidade em comunidades.

A perspectiva que se tinha nas comunidades alternativas dos anos 1970 e que permeia o imaginário geral sobre comunidades intencionais é a tentativa de autossustento em relação a alimentos produzidos no local. Essa comunidade tinha vários alimentos comprados fora, algo que já desmistificou tal imaginário. Porém, Sr. Cósmico diz que autossustentabilidade de uma comunidade não é simplesmente viver do que se planta. Assim como não vivemos apenas do alimento físico, o que alimenta a vida são as relações. Portanto, uma comunidade autossustentável está em conseguir gerir suas relações, pois a partir disso as outras frentes vão se alimentando, desenvolvendo e se harmonizando. Começo então a observar que para um SAF ou horta funcionar, precisa-se de organização de tarefas, uma quantidade mínima de pessoas envolvidas, troca de conhecimentos mínimos de biologia, física, botânica, entre outras coisas, mas todas se efetivam por gerir boas relações interpessoais. A comunidade possui diversos acordos e técnicas de convivência que foram estabelecendo ao longo dos anos, principalmente depois de muitos erros, acertos e ajustes, segundo Sr. Cósmico.

Nossa conversa ao redor do fogão a lenha dialoga com a ideia de democracia de Cusicanqui (SANTOS; CUSICANQUI, 2013): “democracia enquanto organização coletiva ou comunitária, na qual pessoas concretas se relacionam a partir de questões comuns que precisam ser enfrentadas juntos, para criar maneiras de governar a si mesmas, a partir da autonomia”. Para a

autora, essa visão dialoga com o anarquismo já que democracia, enquanto prática de liberdade, é incompatível com o Estado, dada à sua característica extremamente centralizadora. Já Acosta (2016, p. 26) alerta que é preciso “repensar o Estado em termos plurinacionais e interculturais, já que não podemos esperar uma solução técnica se nosso mundo é político.

Alguns interlocutores expressaram que política para eles é a prática diária. O Monge explicou como suas práticas, o aprendizado que teve e que hoje passa para os visitantes, de sustentar as relações, construir a própria casa, reutilizar as próprias fezes transformando-as em fertilizante de vida, de unir pessoas, de transformar pessoas em família, são formas potentes de política. Quando eu o questiono sobre a crítica de alguns militantes de movimentos sociais sobre comunidades intencionais serem acomodadas e não lutarem contra as injustiças do mundo fora da comunidade, o Monge diz que a mudança essencial deve começar internamente, que a vida na comunidade é possível ver a mudança acontecer diariamente e que “quem fala isso é uma pessoa que não consegue mudar a si mesmo e quer mudar o mundo”.

O Monge declara que não votou nas últimas eleições e não vota, que acredita no coração, já que o voto não é a única forma de fazer política. A propósito, Cusicanqui (SANTOS; CUSICANQUI, 2013) lembra que a perspectiva coletiva é “reinscrever no micro espaço social que habitamos uma arena comum para praticar formas de ‘bom governo’ e ‘bem viver’ como gestos micropolíticos de conhecimento corporal e subjetivo”. E ainda afirma que “Democracia é a capacidade de criar coletividade autoconsciente”, o que contribui com a perspectiva do Monge.

Cusicanqui afirma que “a liberdade, ou a emancipação, é um futuro desconhecido – e o medo desse futuro desconhecido faz com que o Estado se apegue às formas centralizadoras, racionalistas, eurocêtricas e seculares, quando tinha toda possibilidade de fazer diferente”. Mas completa que “nada é irreversível. E a crise ecológica talvez seja algo nesse sentido, e a volta à espiritualidade” também. Suas afirmações vão de encontro às reflexões do meu interlocutor, o Monge, que acredita que “política de Estado não aprofunda as coisas reais, não existe solução olhando para fora, só tem solução se olhar para dentro e se curar”, ele diz. Por fim, Cusicanqui afirma que:

Para descolonizar o olhar é preciso conectar a vista com os outros sentidos: deshierarquizar a mirada. Trabalhar a imagem, não só o olhar, mas toda forma de representação visual. Conectar com os imaginários. Os sonhos. Com o *insight*, a mirada completa, desde adentro. A visão permite identificar ao longe o que não se pode tocar, cheirar, o que escapa à percepção dos outros sentidos: já o *insight* encurta a distância a partir do coração, do corpo, e

(re)aproxima de uma maneira que não se pode explicar apenas de modo racional. (*apud* TORINELLI, 2018)

Considerações Finais

Voltar-se à espiritualidade, direitos da terra, reativar a sensibilidade, os conhecimentos ancestrais, assim como dar o devido valor as relações, os laços comunitários, agir contra o individualismo impulsionado pelas relações capitalistas, pelo poder hegemônico, são práticas e ideologias comuns aos moradores da comunidade experienciada assim como dos autores que refletem o 'bem viver', a necessidade de reverter a lógica de produção, na construção de novas utopias, de narrativas contra hegemônicas e em possibilitar futuros para humanos e não humanos.

Cocriar novas utopias a partir da proposição em criar vínculos iniciam futuros que se fazem no presente. Presente que se vivencia em outro tempo. O tempo cósmico respirando com o ritmo da natureza. A ciência feita sobre e com esse objeto de pesquisa (Antropologia simétrica) só é possível ser feita na perspectiva da intelectual indígena Cusicanqui, como uma ciência artesanal que se tece por meio do que se compartilha em coletivo: "Estar presente a cada respiração (...) reconectar a ciência com o corpo, com a terra, com as comunidades, com a vida". (*apud* TORINELLI, 2018)

As práticas do objeto de pesquisa, as comunidades intencionais, subvertem os papéis sociais machistas do patriarcado, destronam o formato cristão colonizador único de parentesco, a lógica de crescimento industrial e acumulação como evolução e progresso, da epistemologia eurocêntrica que se quer universal. Invertem a lógica iluminista de separação e domínio da natureza pelo homem, escapam dos discursos e estética hegemônicos construindo poéticas de empoderamento, de subsistência, ecologia de saberes, bem como propondo outra lógica societária pluriversal, outras experimentações ontológicas.

"Viver em comunidade é desabrochar o amor comum." (o Monge).

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- COSTA, Suzane Lima Costa; XUCURU-KARIRI, Rafael (Orgs.). *Cartas para o bem viver*. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café / paraLeLo13S, 2020.

CUSICANQUI, Silvia. “Clausurar el pasado para inaugurar el futuro: Desandando por una calle pazeña”. *Agenda 21 da Cultura*. Outubro de 2016. Disponível em <https://bit.ly/2Plgw0I> - acesso em 10/02/2022.

CUSICANQUI, Silvia. *Un mundo ch'ixi es posible: Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser Afetado”. *Cadernos de Campo* [online]. n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376> - acesso em 17/10/2021. Acesso em 7 jun. 2022.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEVITAS, Ruth. *Utopia as method: the imaginary reconstitution of society*. New York: Palgrave MacMillan, 2013.

MIGNOLO, Walter D. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. Tradução de Ângela Lopes Norte. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, Rio de Janeiro: UFF, n.34, p. 287-324, 2008.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. 1ª ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, p. 117-142, 2005.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade, poder, globalização e democracia”. In: *Revista Novos Rumos*, Marília: Unesp, ano 17, n.37, p. 4-28, 2002. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2192/1812> - acesso em 10/06/2020.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa; CUSICANQUI, Silvia Rivera. "Conversatios of the World IV/Conversas del Mundo IV". Valle de las Animas (La Paz/Bolívia). 2013. Disponível em https://alice.ces.uc.pt/?lang=2&id=xjgHfSrLnpU&playlist=PLXGOQzlnH7jTf8ZpUPku_FzQrve9a7zKc&type=video - acesso em 20/01/2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes". In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

TORINELLI, Michele. *A experiência de uma sociologia que se tece por meio da paixão e do coletivo - Aprendizados, experimentos e trocas na cátedra livre que Silvia Rivera Cusicanqui oferece na capital boliviana*. Brasil de Fato, 2018. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/26/a-experiencia-de-uma-sociologia-que-se-tece-por-meio-da-paixao-e-do-coletivo> - acesso em 10 fev. 2022.

TURNER, Victor. "Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da experiência". *Cadernos de campo*, n. 13, 2005. p. 177-185. In: TURNER, V.; BRUNER, E. M. (Eds.). *The Anthropology of Experience*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986. Disponível em http://www.fflch.usp.br/da/cadcampo/ed_ant/revistas_completas/13.pdf - acesso em 10 out. 2021.